Pela Grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João M. Santos

Telefone: C. 1633

A superstição legalista

Nesta altura o proprio conselheiro Acacio, o bonacheirão do conselheiro Acacio confessaria que a situação é seria, á espera que do lado um possivel Steinbrocken, feito um grande ponto de interrogação, ao peso dos misterios das chancelarias, lhe respondesse com a sentença do costume: *Oh ! c'est grave, très grave, excéssivement grave même.* Com estas afirmações singelas se contentava o conselheiro Acacio, e se contentaria igualmente o nosso Steinbrocken, se lhe arrancassemos a caricatura ás paginas dos *Maias*, e o ressuscitassemos para a dureza com das rielidades, neste ano da graça de 1918. Nós é que não podemos contentar-nos a declamação idiota dos politicos de botéquim, e temos o dever de encarar de frente a situação, já que ela se afigura tão clara, quando nos socorremos da força dum principio que não vacila e não mente, que é sempre verdadeiro e sempre novo, porque representa o que existe de eternamente moço na alma da nossa raça.

Quando tudo falha, quando as ilusões se dissipam e morrem, só nós podemos concluir a formidavel lição que se nos oferece neste país que, tornado ha sete anos o *petit Mexique*, pode amanhã resvalar nas escarpas ensanguentadas do calvario das nações, onde foi crucificada a Russia, depois que blasfemou da lei antiga da sua tradição imperial, para se entregar ao desvario grotesco das *idéas novas*, e se embalou perdidamente na miragem seductora da democracia. E já que a simples visão dos factos, desapaixonada e fria, nos pode fornecer os elementos da apreciação concluamos corajosamente, olhando a direito, porque dos atalhos ingremes e das vielas escuras das soluções hibridas nos devem já ter desencantado as experiencias sucessivas com que temos dado ao mundo inteiro a prova exuberante da nossa mentalidade balofa e das nossas convicções moles.

Precisamos de saber para onde vamos, descortinar os precipicios para os evitar. A' beira dum abismo nos pode colocar ámanhã a imprevidencia da geração que antecedeu a nossa : é necessario que nos não tome a vertigem tambem, a nós que sabemos o que queremos e que lutamos com todo o calor da nossa mocidade, herdeiros unicos duma tradição de oito seculos, obedecendo na vida á voz imperativa dos que dormem intranquilos na terra santa da Patria por onde tanto sangue se tem derramado sem fructo, e onde nos vimos batendo esquecidos das vinculos da nossa origem, fracos diante do extrangeiro do interior, como fracos e desprevenidos nos encontrámos, na hora em que o mulato João Chagas, de parceria com o almirante do Mar da Palha e um qualquer estrategico de papelão, atiraram para as trincheiras com o melhor da gente moça do nosso país.

Difícil é, é bem difícil, aventurar neste momento um juizo qualquer sobre o que o futuro nos reserva de surprezas, e sobre os destinos proximos dum povo que tem passado um seculo inteiro a quebrar a cabeça para inventar a melhor maneira de se suicidar aos pedaços. Nostradamus, se o magro subtil dos horoscopos infalíveis voltasse ao mundo, ver-se-ia embaraçado, e seriamente embaraçado, para perguntar aos astros o segredo misterioso do nosso futuro. E interrogar Saturno para que, se o passado responde de sobra, é se nós temos á mão todo o material dum dos mais ricos laboratorios que a historia das nações nos oferece de mão beijada ? Interroguemos atentamente a estrada sinuosa destes sete anos, cheios de provações e miserias que vieram a constituir afinal o mais edificante exemplo de governos, a mais admiravel de todas as experiencias politicas dos ultimos tempos, e nós veremos como ela nos enche de razão, demonstrando mais uma vez que o principio monarquico deve ser encarado como uma verdadeira, uma definitiva conclusão, a que a logica mais elementar e mais honesta nos encaminha.

Intervalos de meia lucidez no delirio jacobino de 1910 para cá, nós assistimos a duas tentativas conservadoras, dirigidas no sentido de resolver o problema da ordem: a do general Pimenta de Castro e a do sr. dr. Sidonio Pais.

Liquidou a primeira miseravelmente, no golim sangrento do 14 de maio; e a segunda vive numa vida difícil, entre as solicitações interesseiras do sr. Camacho e aderentes, e a ameaça permanente da canalha alistada a tanto por cabeça na quadrilha afoussista, em que se integrou ao cabo, como era natural, o coveiro cinico de Newaka, com a cabeleira romantica dos comicios, arrependido já da sentença que lavrou uma vez, ás cinco horas da madrugada, condenando sem apelação o cabecilha democratico ás galés da historia.

Se a experiencia Pimenta de Castro falhou, e se a experiencia Sidonio Pais se vê a braços dia a dia com todas as dificuldades, num alerta perpetuo, legitimo é concluir que as situações transitorias deste genero não oferecem pelo seu vicio de origem, garantias de estabilidade e de firmeza. E não é o principio conservador que dá em terra: é uma falsa interpretação desse principio, uma tradução barata, ao alcance de todas as bolsas, da verdade politica que regenera os povos e os salva pela virtude da disciplina e da hierarquia.

O gabinete saído do movimento das espadas caiu por não saber defender-se, por não saber cumprir a elevada missão que nessa hora gravissima se lhe impunha. Caiu no momento preciso em que pretendia dar por findo o seu mandato nacional, para fazer as eleições, regressando por qualquer forma á normalidade constitucional, e essa abençoada normalidade constitucional que gosavamos ainda ha três meses, em pleno consulado afonsista, com a perspectiva simpatica duma bala transviada, e do exilio para lá da raia.

Porque será que o sr. dr. Sidonio Pais, com os dados de ontem bem á vista, se nega a equacionar devidamente o problema português. Não devem repugnar á sua formação mental de matematico as soluções simples e claras. E contudo o comandante da Rotunda revela-se um politico mediocre, na preocupação, irmã gemea da do general Pimenta de Castro, do regresso á normalidade constitucional, por via das urnasinhas de lata pintada.

Porque não quererá Sua Ex.ª encarar bem de frente o problema? O que é que que o país lhe pediu, depois do 5 de dezembro? Que assegurasse definitivamente a ordem, não é assim? Perguntou-lhe acaso pelos meios de que pretendia servir-se? Não; exigia apenas para lhe dar o seu aplauso que se garantisse de vez a cada um em Portugal a segurança da sua vida e haveres.

Foi este o mandato nacional que o sr. dr. Sidonio Pais trouxe do porque Eduardo VII. Tudo o que fosse transigir com os partidos, tudo o que representasse uma abdicação era desviar-se da linha inflexivel que lhe estava indicada.

O primeiro erro do comandante da Rotunda verificou-se logo quando em vez de se rodear de espadas, e só de es adas, foi procurar o apoio do sr. Camacho, atribuindo ao mandarim do Calhariz uma importancia que ele não teve nunca; oferecendo as pastas a politicos de profissão que fatalmente haviam de levar para dentro do ministerio o reflexo das intrigas partidarias. Julgando consolidar-se o sr. major Sidonio Pais praticou logo de entrada um erro talvez irreparavel. E praticou-o porquê, apesar da sua visão clara de matematico que lhe indicava a linha direita da hipotnusa, em vez da linha quebrada dos catetos: porquê? Porque não encarou a situação de frente? Porque não teve a alta coragem moral de realizar a pacificação do país, por uma ditadura militar energica e desassombrada?

Uma tentativa de republica conservadora (permita-se-nos mais uma vez o paradoxo) ha-de pecar sempre pelo defeito de que enfermam todos os governos liberais, e que nós temos bem presente nos dois casos que se oferecem á nossa meditação politica.

Ao passo que nós os monarquicos pomos acima de tudo o interesse da nação, um republicano não se desprende nunca do culto idolatra dos imortais principios, e de certa senhora de reputação mais que duvidosa que em tempos se convencionou chamar a Legalidade. E' a eterna superstição legalista, a inutilizar todos os esforços ainda os mas honestos e os mais bem intencionados.

Um republicano, um liberal não conseguirá nunca olhar de frente uma situação como eu a olho. Quando eu tivesse em vista um fim de interesse nacional bem pouco me preocuparia com as constituições e os codigos, os decretos e as portarias, a farrapada com que os juristas enterrujaram as espadas aos generais, criando um corpo de leis variaveis e ecleticas que se chamou direito constitucional, um direito abstracto, estranho ás realidades sociais, alheio á estructura fundamental das nações, ignorante das leis que regem a vida dos estados.

Quando se faz uma obra de interesse nacional tem de se pôr de parte o escrupulo legalista, tem de se renunciar á normalidade do *Diario do Governo* para se entrar na verdadeira normalidade que paira muito acima dessa papelada inutil. E por isso se impõe uma ditadura estavel e vigorosa, como a unica forma possivel de governo, sobretudo num país anarquizado como o nosso, em que os mais graves problemas se põem de parte a cada passo para se discutir muito a serio a que concelho deve pertencer a Aldeia de Paio Pires.

Nós reconhecemos hoje em Portugal, como já ha uma dezena de anos o proclamava em França um nacionalista dos *faubourgs*, a necessidade de *governo à poigne*, do governo energico, sem transigencias e sem hesitações, desprendido absolutamente do fetichismo estupido da legalidade constitucional.

E pois que o problema português se equaciona desta forma tão clara e tão simples, tenha o sr. dr. Sidonio Pais a coragem de pôr de lado a superstição legalista, respondendo com o desassombro e a energia necessarias, ás manobras evidentes do democratismo, realizando com decisão e serenidade o trabalho imperioso de repressão que tem de anteceder todas e quaisquer realizações de caracter nacional, acabando de vez com a ameaça jacobina, para assegurar a base das reformas de ámanhã.

Porque de contrario a experiencia do sr. dr. Sidonio Pais tem garantido o mesmo destino da tentativa honrada do general Pimenta de Castro.

E porque estas verdades são duras, mais alto nós as devemos proclamar, para que sejam escutadas por quem pode ainda, transitoriamente, servir os interesses da Patria Portuguesa.

Armando da Silva

Transcrições

O nosso brilhante colega *O Realista*, do Funchal, transcreveu um artigo que nesta redação se escreveu sobre a frase de Leote do Rego —*Não me emparceirem com Couceiro !...*

Agradecemos a transcrição.

Conde de Penella

Só hoje, por absoluta falta de espaço, podemos publicar a carta que em tempos recebemos deste ilustre titular.

"Palavras ao Rey e ao Reyno"

Meu excelente amigo Conde de Monsaraz:

Esclarecendo uma passagem do meu artigo *Palavras ao Rey e ao Reyno sobre o desvairo do regicidio*, dirigiu-lhe uma muito apreciavel carta, com a publicação da qual se honrou sobremaneira *A Monarquia* de ontem, o respeitavel e ilustre estadista e homem de letras Senhor Conselheiro Alexandre Cabral.

Lialmente devo declarar que não li a carta que o Senhor Conselheiro Cabral fez publicar n'*O Liberal* de 4 deste mês e, se a tivesse lido, possivelmente aquele periodo do meu artigo á que o Senhor Conselheiro se refere teria sido, não *alterado*, mas *acrescentado* com um preito de justiça e de louvor.

E digo isto, porque a interessante declaração, ontem inserta neste jornal, confirma, realmente, que dos seis ministerios do ultimo reynado, apenas o do Senhor Wenceslau de Lima «se empenhou esforçadamente» na descoberta dos implicados no Regicidio.

Do facto de ter sido da escolha do Senhor Alexandre Cabral, quando Ministro do Reyno, o digno juiz de instrução criminal que, ao depois, na *imediata situação* (a presidida pelo Senhor Conselheiro Wenceslau de Lima), tanto se notabilizou pelo acerto implacável com que tentou desmascarar os reus do Maior Crime, resulta que, apenas á pouca permanencia no poder do Ministerio de que o Senhor Alexandre Cabral fez parte, se deve atribuir que o seu nome não ficasse mais *ostensivamente* ligado á unica tentativa séria, feita no reynado do Senhor Dom Manoel II, para alicerçar o resgate da Patria sobre a terra ensanguentada pelo castigo.

Na sua missão sagrada de fazer justiça, a Historia não deixará de registrar a nobreza daqueles (se mais alguns houvel) que, como o Senhor Conselheiro Alexandre Cabral, souberam cumprir um altissimo dever de consciencia, imposto pela honradez e pela lialdade, e contra o qual se rebelava, num sentimentalismo avesso e criminoso, uma sociedade quase inteira de perversidade e de vicios.

Que todos os homens do Constitucionalismo podessem fazer, sinceramente, declarações identicas ás do Senhor Conselheiro Cabral e bem diverso teria sido este desenrolar triste e precipitado de acontecimentos que conduziu a geração nova á beira dum futuro incerto e trovejante!

Mas não. Infelizmente, sobre todos eles, poucos excepctuando, pesam responsabilidades gravosas que nada conseguirá apagar. E quando um surge, como agora o Senhor Conselheiro Alexandre Cabral, a falar altivamente do seu passado e a contar-nos, verdicamente, como cumpriu os seus deveres para com El-Rey e para com a Nação, nós não podemos calar o nosso admirativo respeito e sentimo-nos felizes por ocasionar tais declarações.

Quiz Deus que os homens que gostosamente rendo ao Senhor Conselheiro Alexandre Cabral mas ficasse uma grata recordação do meu escrito *Palavras ao Rey e ao Reyno*, a juntar á satisfação que me trouxe a certeza de ter cumprido um dever sagrado, um dever imperecivel, dando forma aos desejos de justiça duma multidão de bons portugueses.

Recordando as palavras do Senhor Rey Exilado Dom Miguel II, quando disse, referindo-se ao atentado de 1 de Fevereiro, que um tal crime não podia ter sido cometido por portugueses, eu sinto a cada momento renovar-se-me a coragem para exigir bem alto que, *a todo o tempo*, se faça justiça contra tais *estranjeiros*.

E se é um dever curvarmo-nos respeitosos ante aqueles que tudo fizeram para punir a maior desgraça que jamais caiu sobre a nossa terra, para os outros, para os que tendo obrigação de castigar, não castigaram, e para os que tendo obrigação de exigir o castigo, o não fizeram, para esses que se tornaram cumplices no martirio de dous Reys, é pouco todo o nosso odio e todo o nosso desprezo. Por isso, parece-nos absolutamente necessario que se delimite bem o numero dos que mal procederam, se aclarem situações, como acaba de fazer, muito louvavelmente, o Senhor Alexandre Cabral. Se alguns estão já irremediavelmente condemados pelo que contribuiram para o Regicidio, e outros porque o não souberam vingar, alguns haverá para os quais ainda seja possivel uma justificação.

Falem, senhores politicos do Constitucionalismo! Digam de sua justiça.

Quanto a outras referencias ao meu artigo que apareceram em certa imprensa *canina* redigida por *buiças*, são tão *caninamente* insignificantes e imundas que bem posso fazer de que as não li... ou de que não ouvi tais latidos.

Despede-se com a mais afectuosa consideração o camarada e amigo

G. de Ayala Monteiro.

S. C.—Lx.ª 26-2-1918.

Poeta de Baedecker

Queixava-se ontem amargamente no *Seculo da noite* certo poeta de Baedecker de que se lhe não oferecesse ainda asilo á sua musa invalida.

Triste destino o destes poetas abandonados que todos se torcem, ao atribuir ao Integralismo o *sinite parvulos venire ad me*, só porque nós não traduzimos o latim *parvulos* por um outro substantivo muito tentador que se escreve com dues letras a menos.

Porque não tenham duvidas o poeta de Baedecker que ontem officiava no *Seculo* se a tradução fosse rialmente essa implicitamente se lhe oferecia cá dentro albergue para o resto dos seus dias.

Vida politica

A Centopeia evolucionista perde mais uma pe na...

Informam-nos de que a Junta Paroquial Evolucionista de S.to André, na sua reunião de ontem, resolveu desligar-se colectivamente do partido do sr. Antonio José d'Almeida, desgostosa com a *União Sagrada* e com a attitude imposta pela Junta central desde a revolução de Dezembro.

E' caso para darmos os nossos mais sentidos pesames ao sr. dr. Antonio José d'Almeida, que assiste em vida á morte do seu partido.

Juventudes monarquicas conservadoras

Realizou-se ontem a eleição do novo Conselho director central, ficando o mesmo composto dos srs. dr. Antonio Horta Osorio, cr. Antonio Bourbon, dr. Eugenio de Araujo, dr. Alvaro dos Reis Torgal, Eugenio Severim de Azevedo, Antonio de Penha e Costa e marquez do Lavradio.

Presidiu á assembleia o sr. visconde de Guilhomil, como presidente da comissão administrativa do Nucleo Regional do Porto, tendo sido aprovado o relatorio e as contas da gerencia finda.

Hemeterio Arantes

Realizou-se no sabado á noite, como estava anunciada, a conferencia *De Regresso* deste nosso querido amigo e ilustre escritor. Não precisamos salientar o alto intuito tradicionalista que presidiu a tão bela afirmação de inteligencia e de cultura. Hemeterio Arantes é um espirito bem temperado no pensamento reacionario do seculo que passou e foi com notavel desassombro no decorrer da sua conferencia que se confessou vivendo e escrevendo, como Balzac, ao clarão dessas duas verdades eternas que são o Catolicismo e a Monarquia.

Psicologo de boa gema, Hemeterio Arantes nasceu para ser na nossa vida literaria o comentarista superior que nos factos procura ver sempre a lição do Passado gerando o Futuro, através da sua reprodução incessante no Presente. Assim, intitulando «*De Regresso*» a sua conferencia, Hemeterio Arantes, definiu com sobriedade e agudeza o que seja em essencia o admiravel renascimento do tradicionalismo nos nossos dias. Regressar não é retrogradar. Já Paul Bourget assevera algures que o doente que está a 40º de temperatura não *retrograda*. Pelo contrario, *progride* se regressar as condições normaes do seu pulso. O mesmo sucede para com a sociedade, quando, fora do *meio-pitat* em que se engendrou e perpetúa, precisa de se devolver a ele, caso não queira marchar á passos rapidos para uma morte inevitavel e ingloria.

Apoiou-se Hemeterio Arantes com notavel profundesa critica nas conclusões biologicas de René Quinton, que vieram, no abuso crescente do transformismo, corrigir-lhe os efeitos do alcance exagerado. Tanto Paul Bourget como Georges Valois salientaram a significação importante das conclusões de René Quinton, nos dominios da propria sociologia. Foi em nome deles tambem que Hemeterio Arantes nos demonstrou que não havia «Patria nova», nem «Patria velha», mas simplesmente a «Patria», terra dos pais, para quem a continuidade da sua existencia repousa na continuidade da sua tradição. Seriamos ingratos, se, registando os traços tonicos da conferencia de Hemeterio Arantes, não registassemos as gentilissimas alusões que dispensou ao nosso movimento.

Salientou o ilustre conferente o caracter nacionalista do *Integralismo*, insurgindo-se contra os que levianamente o consideram como uma simples adaptação da moderna corrente tradicionalista francêsa. Evidentemente que ha uma parte comum, — é a parte filosofica, aquela que se refere á critica da democracia, como fenomeno geral da vida da colectividade.

E' certo que, através da sintese brilhante de Charles Maurras, nós recebemos os influxos de de Bonald e de de Maistre, sem esquecer, no entanto, os ensinamentos mais modestos, mas não menos vigorosos, dum marquês de Penalva, dum Faustino José da Madre de Deus, dum José Agostinho de Macedo, dum José da Gama e Castro.

Já nos afastámos da *Action-Française* quando encaramos de frente o problema da aplicação doutrinaria ás realidades ambientes.

São outras as indicações da nossa natureza social, como outro é o rumo da nossa historia.

Faz-nos justiça Hemeterio Arantes. Com as nossas homenagens, de aqui lhe dirigimos o melhor dos nossos agradecimentos.

«*Qui répondra aux redoutables questions que nous pose ainsi brusquement et à toute rencontre notre âge de doute?* —interrogava-se a si proprio Paul Bourget ao encerrar a ultima pagina dos seus «*Essais*». A essa interrogação, que cada um poderia formular diante do angustioso futuro de Portugal, pretendeu Hemeterio Arantes responder na sua conferencia de ante-ontem. Oxalá não se perdesse no tumulto dourado dos aplausos que recebeu o acento sincero e clarividente da sua voz avizada pelo estudo e pela reflexão!

A'manhã daremos um excerto da conferencia de Hemeterio Arantes.

Nucleo Regional de Lisboa

Reunia ante-ontem a direção deste Nucleo, em sessão ordinaria, presidindo o sr. José de Sucena e estando presentes todos os seus membros.

Foram aprovadas as contas referentes ao mez de fevereiro.

Foram tambem examinados os serviços referentes aos trabalhos de recenseamento e outros assuntos de interesse geral para a associação.

Foram admitidos 148 socios.

Bispo de Portalegre

Faleceu em Torres Novas a mãe do ex.mo senhor D. Manuel da Conceição Mendes dos Santos, virtuoso bispo de Portalegre. Admiramos e respeitamos o ilustre prelado que é na Igreja Portuguêsa uma vontade de apostolo e uma inteligencia de doutor, — no sentido mistico da palavra. Não lhe são indiferentes tambem as nossas campanhas tradicionalistas. Com tantos motivos do reconhecimento e de respeitosa atenção, compreende-se como nesta hora amarga o nosso espirito está junto de Sua Ex.ª Rev.ma, sentindo a sua dôr e tomando parte nela sinceramente. Queira o senhor bispo de Portalegre aceitar os comprimentos de *A Monarquia* no luto que tão profundamente o fére, na certeza de que se é por nós compreendida a sua energia de Pastor não o é menos a sua dôr agudissima de Filho.

ECONOMIA NACIONAL

As gréves como armas politicas

Nestes ultimos dias numerosas gréves vieram perturbar a vida normal do país. Que a guerra agravou a situação de todas as classes sociais é um facto como é egualmente certo que esse agravamento vae aumentando sem descanço tornando necessario aumentar os salarios de quando em quando. Tambem não é menos certo que algumas classes estavam recebendo ainda os salarios que recebiam antes de se iniciar a conflagração. Feitas estas observações confessamos que não deixamos de reconhecer ao operariado razão em pedir uma maior retribuição.

As classes trabalhadoras alcançaram modernamente uma tal força e importancia que os patrões já dificilmente resistem ás suas exigencias. E se já hoje, com um muito leve esboço de organisação sindical, as classes proletarias lutam contra o capital em condições de quasi egualdade, o que sucederá no dia em que o sindicalismo pacifico, o verdadeiro e bom sindicalismo se tiver realisado plenamente no campo da pratica.

Sempre que se verifica a existencia dum grande poder, e é o caso das classes organisadas, surge imediatamente o receio de que os detentores de tal poder abusem das suas forças. E que este receio tem fundamentos, já os factos por mais duma vez se encarregaram de atestar. No caso porém da organisação profissional do proletariado ha duas circunstancias que fazem desaparecer quasi totalmente as possibilidades de abuso. Por um lado temos, a contrabalançar a força do operariado organisado, os sindicatos de patrões; por outro lado ha a considerar que as resoluções duma numerosa classe, tomadas por um grande numero de individuos, entre os quaes certamente ha espiritos ponderados e reflectidos, não são em geral falhas de justiça e equidade.

Esta segunda garantia contra possiveis abusos desaparece por vezes e a verdade é que são os proprios operarios aqueles que mais sofrem com qualquer resolução tomada fóra dos limites da boa razão e da justiça. Porque a verdade é que nem o fim do patrão reside em explorar o proletario, nem o fim deste deve ser explorar o patrão, como tão pouco não deve ser fim de nenhum deles explorar o consumidor. Harmonia entre as classes é o que se precisa, é o que pede o interesse nacional, é o que aconselham os proprios interesses das varias classes!

O operariado vai-se mostrando dia a dia consciente da sua força e da sua importancia. Ninguem se lembraria já hoje de excluir da vida politica do país o *Tiers Etat* tão despresado em outras eras de absolutismo. Mas se o operariado tem força, se a quer conservar e se quer até vê-la aumentar deve a todo o transe conservar-se alheio á politica, alheio por completo ás lutas partidarias. Deixem estas aos politicos de profissão para que estes os deixem tranquilos no seu trabalho, no seu honesto ganha-pão. Respeito mutuo para as respectivas profissões e tudo o que deve haver entre politicos e operarios. Mais do que o patrão, cuja convivencia não é nefasta, devem os operarios recear os *meneurs* que fazem de todos escada para subir aos ultimos pincaros dos castelos da politica. Desses é que é fugir!

A greve é a guerra! E' a ultima sanção para que se deve recorrer só quando já não ha outro meio de fazer vingar uma *causa justa*. Mas só uma *causa justa*, pois doutro modo a greve, como a guerra, é uma violencia inqualificavel. Recorrer ás greves para servir os interesses duma clientela partidaria é a ultima das abjecções a que uma qualquer classe pode chegar.

E, francamente, as ultimas e numerosas greves **teem pelo menos todo o aspecto de favorecerem o jogo demagogico.** Se dentro das classes ha elementos que traem os verdadeiros interesses profissionais, é correr com eles sem piedade como vendilhões ignobeis que dentro dum templo sagrado atraiçoam os companheiros.

A. Campos Figueira.

Integralismo Lusitano

Realizando-se no dia 9 do corrente o jantar comemorativo do primeiro aniversario da «Monarquia», prevenimos os nossos amigos de que a inscrição se acha aberta todos os dias no escritorio do Hotel Central, em Lisboa, devendo enviar a sua adesão aquele que não puderem assistir

Um novo poema

Foi uma tarde deliciosa de arte a tarde de sabado em casa do nosso querido e valioso amigo doutor Ruy Enes Ulrich. Entre o que de Lisboa conta de mais escolhido na literatura e no sangue, assistimos ali á leitura dum novo poema, — o poema com que brevemente irá enobrecer as decaidas *vitrines* dos nossos livreiros a senhora D. Candida Ayres de Magalhães. Interessante temperamento de mulher, que riqueza de emoção e que frescura de ritmo é seu novo livro não revela, ao desenrolar a tragédia dum caso simples de sidéa, em que se atinge em as maiores expressões da ternura e do lirismo!

Não esqueceremos tão depressa a impressão que nos deixou o trecho do *Mar* e o trecho do *Giestal em flor*, bastante para vincar uma organização artistica cheia de recursos e de elevação.

A festa presidiu o espirito gentilissimo de Veva de Lima, que está realisando no nosso meio uma notavel tentativa de beleza, procurando ressuscitar no seu salão a tradição perdida dos velhos salões literarios. A Veva de Lima devemos o encanto da tarde de sabado, em que a sensibilidade superior de Candida Ayres de Magalhães foi uma nota suave de brancura e de paz na inquietação quasi tragica que a Lisboa dos ultimos dias não pode mais disfarçar. A's duas ilustres senhoras as nossas homenagens de admiração e reconhecimento. Ficará para sempre lembrada essa agonia doce duma doce tarde de março, numa comunhão religiosa de sensibilidades, com as rimas caindo, como penas levissimas, no silencio profundo da nossa atenção dominada.

A questão sacarina

FUNCHAL, 3.—«Monarquia»—Lisboa. — Em grande reunião dos agricultores do distrito, no teatro Manuel Arriaga, mais de quatro mil, com representação de todos os concelhos, protestou-se contra as modificações do regime sacarino propostas pelo monopolista Hinton para seu exclusivo interesse e gravame de agricultura. Terminada a reunião fez-se uma imponente manifestação ao palacio do governador, pedindo a sua intervenção no sentido de esclarecer o governo sobre a interesseira pretensão de Hinton. Os manifestantes pediram a proibição do augmento do preço do açucar para consumo do distrito, demonstrando os enormes lucros no exportado e a nenhuma necessidade do aumento de fabrico de alcool, pois o produzido normalmente na laboração proxima chega para o tratamento do vinho. Pediram tambem a revogação do artigo 53.º e seus paragrafos, do regulamento de 8 de novembro de 1915, que facilita ás fabricas matriculadas o desdobramento do alcool quando falte a aguardente para o consumo. A pretensão Hinton visa ao desdobramento referido sem pagamento do imposto, trazendo a ruina ás fabricas de aguardente e entrega a agricultura a Hinton, sem concorrencia. O governador discursou declarando achar justa a reclamação da agricultura e prometendo secundá-la junto do governo.

Conde de Penella

Inseriremos a seguir um artigo do sr. Conde de Penella. Fazendo-o temos de explicar que não representa isto absoluta concordancia com as ideias expostas pelo autor do artigo, conhecido monarquico, que ha muitos anos reside no estrangeiro, para onde o expulsou o primeiro Governo Provisorio da Republica, depois de o ter encerrado algum tempo no Limoeiro; não representa isto, senão o natural e louvavel desejo de dar curso ás ideias que, ainda que nos estejam em coincidencia com as nossas num ou noutro ponto, revelam, como revelam as do sr. Conde de Penella, que foram inspiradas no amor patrio e no cordial empenho de que sobrevenham a Portugal melhores horas do que as amargas por que está passando:

Alguma cousa do que se sabe e do que se vê extra-muros da Republica.

Paixões e caprichos que são causa de turbulencias, arbitrariedades e dissipações.

«A republica tal como existe em Portugal, tendo tantos pontos de contacto com as peores republicas americanas e com a romana quando ela caiu na maior abjecção, põe Portugal no extremo oposto daquele que ocupou ao revolverem os portugueses o mundo como delegados do seu Rei, sem mais objecto que, um e outros, com sacrificios reciprocos, conduzirem o país pelo caminho da prosperidade e do progresso, até onde o pudessem vêr de toda a parte, apesar do seu pequeno corpo. Que a principal vantagem do regimen republicano, é a eleição do supremo magistrado. Assim o dizem alguns e assim será. Não vale a pena suscitar aqui questões a proposito da conveniencia ou inconveniencia da mencionada prerogativa; não póde, porem, deixar de consignar-se que o povo portuguêz não a tem disfructado e não se vêem traças de chegar a disfructá-la, posto que até hoje, não por meio de razões, nem sequer por meio dos azares de uma eleição verdadeira, mas por meio da força que se faz sentir de quando em quando, é que os Presidentes da Republica teem transmitido o seu altissimo cargo, que não ha duvida de que desperta os mais vivos desejos entre os mortais mais ambiciosos, naturalmente porque lhes dá auctoridade, prestigio, honras, abastança e prazeres.

Ah! com que ternura e cordialidade o ex-Presidente Bernardino não expressava aqui, ainda ha pouco, a um redactor de

La Esfera, a sua saudade por «*¡pueblo! ¡Ese mi pueblo*», dizia ele com o gesto de um apostolo, e parecendo mais convencido de que aqueles que tinham sido a dita de ocupar a poltrona presidencial, não podiam de forma alguma ser confundidos com os demais homens, com a multidão anonima, com o povo, do qual ele sobresaira, predestinado pela Providencia, para ir exercer as mais altas funções do Poder Publico. E como não estaria na mesma ocasião o actual Presidente, nascido semelhantemente aos seus antecessores do valvem das ideias e correntes revolucionarias republicanas,—como não estaria ele, perplexo e temeroso pelo que lhe poderia acontecer na sua preparada peregrinação ao norte do país, apesar de dever contar com uma recepção á medida dos desejos e conveniencias, porque, para este efeito, é que fôra oferecido á Associação Comercial da cidade do Porto o edificio da Bolsa, que ao alvorecer da Republica lhe havia sido tirado!...

Graças á amabilidade de um compatriota que me cedeu alguns jornaes portuguezes, tive eu conhecimento do exito da viagem presidencial. Poucos dias de maior gloria que esses que passou no Porto recolhido do seu Estado Maior, poderá contar o major de artilharia e catedratico da Universidade de Coimbra, Sr. Sidonio Paes.

Pareceu-me isto bem, e sobretudo, lógico: desde que o Porto e as outras cidades visitadas haviam tributado homenagem a não poucos politicos que, em vez de beneficios, lhes ocasionaram os maiores damnos, natural era que as não regateassem agora a quem restituira á classe comercial portuense o que lhe fôra indevidamente usurpado, e que, alem disso, se não cançava de proclamar com calor e vehemencia que era seu proposito manter a ordem, administrar justiça e impedir que a cousa publica fosse malbaratada, como o era antes, no tempo dos ultimos chefes de Governo, acostumados a olhal-a como cousa sua.

O que, porém, não pude julgar um encanto, dil-o-hei aqui sem ambages, foi a pouca reflexão com que o Sr. Presidente emittiu opiniões que mais valera calar, e outro sim a forma como reiterou, com a força da convicção, afirmações que, desdizendo de sagrados deveres, eram susceptiveis de indisporem até gente indiferente. Entre as afirmações desta natureza que conseguiram passar incolumes, sem o menor signal de desagrado e sem que nos orgãos da imprensa diaria se tornassem objecto de merecida impugnação e reprovação, tomei nota as contidas nos seguintes periodos, nem harmoniosos nem engenhosos, mas redondos e categoricos:

«Firmemente—disse—quer ali desmentir o boato que, segundo lhe afirmaram, se está espalhando de que a situação atual pode, algum dia, com a sua cumplicidade ser uma paisagem para a monarquia. Enganam-se os que espalham a intamia e mais se enganam os que, acreditando nela, alimentaram esperanças nessa reviravolta. E' que só pode ser ingenuo o que as tiver, ou que não sabe que Sidonio Paes é republicano desde os 15 anos.»

.....

«Sidonio Paes—meus senhores—não traiu nunca nem trairá amais os seus principios e a sua fé republicana.»

Estes periodos foram transcritos do «Jornal de Noticias» de 16 do corrente. Os que adquirissem uma noção falsa com a sua leitura, perdendo de vista o que neles chamava particularmente a atenção, talvez exclamassem: que lealdade do homem!... que respeito pelos compromissos tomados!... que consciencia que ele tem dos deveres de honra!... Ah! mas todos os que quizessem e soubessem meditar no que se depreendia das suas palavras e ações, bem como na tendencia e efeitos delas, e que levassem os seus cuidados de investigação ao ponto de tratarem de inteirar-se do que deve constar dos «Almanachs do Exercito» sobre a sua edade ao fazer parte da classe militar, para a qual entrou voluntariamente, teriam de verificar que o seu alistamento se realisou quando já, ultrapassara os 15 anos indicados, e, como para alistar se lhe era preciso jurar bem alto que defenderia «Patria, Rei e Constituição politica do paiz», vertendo «por estes objectos», se preciso fosse, o seu sangue, teriam outrosim de reconhecer que o seu procedimento se tornara digno, não de aplausos, as de merecida reprovação, por haver premeditadamente traido deveras, a que ninguem o compelira.

As palavras do sr. dr. Sidonio Paes acima transcritas, põem em evidencia a falta de cumprimento das suas obrigações para com o Estado monarquico e para com os militares seus camaradas, ligados á boa fé pelo mesmo solene pacto, e convencidos, cada um, de que nenhum dos outros pactuantes se lhes teria associado com a malevola intenção de faltar á fé jurada; mais do que isso, elas retratam o que tem de qualificar-se de desconforme inconsideração, propria de um «caracter frivolo, que não mede o alcance e valor das palavras, porque se o medisse houvera percebido a conveniencia de assegurar que a sua incompatibilidade com a Monarquia datava da conjuntura em que adquirira a convicção de que os partidos politicos dela, pela sua culpavel conduta, excluiam toda a possibilidade de se evitar que a Patria naufragasse, ainda em nossos dias, nos escolhos para onde era arrastada por torrentes impetuosas. (Agora, é justo dizel-o, está todo o mundo convencido, de que, peores, ainda peores, que os partidos politicos da Monarquia, o são os da Republica, que teem defendido e servido a Patria de tão indigna maneira, que não é exagerado dizer-se que merecem a eterna condenação da Historia.)

A mim, que me sinto sacrificado pela influencia das mais secções de homens como o Sr. Dr. Sidonio Pais, que não cumprem os deveres a que estão obrigados para com os outros, tinham de produzir-me pessimo efeito aquelas e outras suas asseverações. Não ha realmente maneira de ver grandeza num homem que está muito longe de poder ser citado como exemplo de sinceridade, sobretudo quando se teve ocasião de avaliar por alguns dos seus actos o valor do seu espirito, das suas inclinações, dos seus sentimentos, observados desde o ponto de partida da carreira comum, por haver eu precedido de poucos anos ao Sr. Dr. Sidonio na entrada successiva para a Universidade de Coimbra... e Escola do Exercito, recordando ainda desse tempo da minha afastada e pouco feliz juventude até factos como o que rendeu ao Sr. Dr. Sidonio uma picaresca alcunha que não conseguiu enraizar, alcunha posta pelo meu jovial condiscipulo José Ildefonso do Lago, e a que deu causa a queixa de uma dona de casa de hospedes com mais de 60 janeiros, formulada entre suspiros e ais que pareciam de dor ao então 2.º comandante da Escola do Exercito, coronel de artilharia Barnabé Ferreira, por haver a pobre velha sido vitima, segundo dizia, de um grande e inaudito atentado, praticado, com audacia e valentia que ela não pudera prever, por um dos alunos da Escola.

Em tudo o que recordo desde esses tempos da nossa commum mocidade, é que se estriba a opinião que tenho de que o Sr. Dr. Sidonio Pais tomou por uma senda só em parte diversa da seguida pelo anterior chefe de Governo para chegar ao mesmo ponto, beneficioso para os que mostram e parecem ocupar-se do país, mas desgraçadissimo para este, embora o Sr. Dr. Sidonio Pais haja afirmado que é seu empenho «levar a cabo a obra de resurgimento nacional que o país reclama», acentuando que «as suas ideias ácerca de governação» as aprendeu «nos livros de filosofia e de direito».

Pelos seus pensamentos e aspirações expostos aos habitantes dos districtos do norte e estampados nos jornaes, não pode convencer-se ninguem com mentalidade de pouco acima do vulgar de que haja aprendido grandes coisas nos taes livros de filosofia e de direito. E isto mesmo se vê confirmado em obras do governo de que é chefe, nas quaes não se descobrem sinaes de patriotismo e tão sómente os de amor ao Poder, que lhe proporcionou a revolução encaminhada a acabar com a tirania do chefe democratico. Por enquanto nada mais se tem visto do que o que a politica tem aconselhado para se assegurar a vida do actual gabinete; ora não é isto o que reclamam todos os interessados por patriotismo em que se rompam em mil bocados as cadeias que sujeitam a nação, cadeias forjadas por aqueles que, na sua finalidade de levarem aparatosa vida, só resaltaram os espiritos com as palavras democracia e liberdade, e tendo avivado assim as paixões e produzido a anarquia; empunharam então as armas para oprimirem o povo e o arrastarem a defender interesses que não eram os nacionaes, mas os das associações secretas a que pertenciam os seus opressores.

Porque não estou fazendo exibição de frases enganosas, quero dar-lhes o apoio de uma auctoridade, que o seja para os homens que diligenciam alcançar a confiança do país mediante formulas que não podem ser de decisiva eficacia. Quem ha de ser essa auctoridade?... Achei: Renan. Ha de ser Renan. Ha de ser este filosofo francês contemporaneo, que gosa da melhor reputação entre as gentes que se prelidam liberaes e livre pensadoras por haver combatido com censuravel pertinacia a Religião fundada pelo divino Jesus. Ha de ser Renan, José Ernesto Renan, que condensou o seu programa politico ao apresentar-se candidato a deputado por uma das circunscrições do Sena nas seguintes reduzidas e expressivas palavras: «Nada de revolução, nada de guerras; progresso e liberdade».

Ai, entre os homens da decadencia portuguêsa, nos estertores da republica carbonaria, haverá alguem que o recuse por suspeito? Recusa-lo-ha porventura algum dos homens que se sentam nas cadeiras do Poder ao lado do sr. Machado dos Santos, graduado maçon, que teve tão larga parte na organisação das sociedades carbonarias! Não, não ha ai, entre os homens que falam ainda na necessidade de se democratizar o povo, quem negue respeito á capacidade e ideias de Renan, pelo triste facto de haver ele ousado atacar o christianismo nos seus cimentos; e é, movidos de admiração pelo que se atreveu a escrever contra a Igreja Catolica, que se abraçam ás suas opiniões quando se suscitam controversias sobre Religião.

Ora ouçam; ouçam lá agora algumas frases e seletos trechos, curtos e significativos, colhidos a granel na obra de Renan, *La Reforme intellectuel et morale*, publicada ha cincoenta e tantos anos, seguidamente á guerra entre a França e a Prussia; e harmonisem, se podem, os fervores do sr. dr. Sidonio pela republica democratica, com os ensinamentos do filosofo e literato, qualificado de insigne por muitos incredulos que não acatam os preceitos da Igreja:

«A democracia—diz Renan em 1871—faz a nossa fraqueza militar e politica. A democracia faz a nossa ignorancia, a nossa estupida vaidade...»

O autor, mortificado com as consequencias da guerra, entra em explicações sobre as razões da victoria alemã:

«A democracia é o mais forte dissolvente da organização militar. A organização militar está fundada na disciplina; a democracia é a negação da disciplina. A Alemanha possue, é certo, o seu movimento democratico, mas esse movimento está subordinado ao movimento patriotico-nacional. A victoria da Alemanha não podia, pois, deixar de ser completa; porque uma força organizada vence sempre a uma força não organizada, ainda que numericamente superior.»

Prosegue vergastando eloquentemente a democracia:

«As condições da vida militar, obediencia, gerarquia, etc., são o contrario de tudo o que aconselha o catecismo democratico; e veja-se por que uma democracia não poderá viver com um estado militar consideravel. Esse estado militar não poderá desenvolver-se num tal regimen democratico, e se se desenvolve, absorverá a democracia.»

Temendo justificadamente pelo futuro da França, sua patria, diz:

«França está perdida. Não o estaria se pudesse acreditar-se que Alemanha seria por sua vez arrastado na chafurda democratica, na qual nós deixámos todas as nossas virtudes. Mas isso não é provavel. O povo alemão é submisso, resignado, mais do que pode crêr-se. O seu orgulho nacional está tão exaltado pelas suas victorias, que, ainda durante uma ou duas gerações, os problemas sociaes não ocuparão senão uma parte limitada da sua actividade. Um povo, como um homem, prefere sempre aplicar-se áquilo em que se distingue. E a raça germanica compreende a sua superioridade militar. Enquanto a raça germanica estiver capacitada disto, não fará nem revolução nem socialismo.»

E, como se tivesse uma nitida visão do que havia de ocorrer, escreve as seguintes notaveis palavras:

«Se é certo, como parece, que a realeza e a organização nobiliaria do exercito estão perdidas nos povos latinos, é preciso dizer que estes povos latinos estão chamando uma nova invasão germanica, e a sofrerão.»

Teem tomado o peso a todos estes conceitos, expostos por um homem que tinha á vista e observava o triste estado social e politico da sua Patria depois da victoria alemã de 1870? Pois tomem-no tambem aos que seguem:

«O colegio, grande eleitor formado por todo o mundo, é inferior ao mais mediocre soberano do passado. A Côrte de Versailles valia mais para a eleição dos funcionarios que o sufragio universal de hoje; esse sufragio universal produzirá um Governo inferior ao do seculo XVIII nos seus peores dias.»

Que lhes parece? Renan, que não queria nem revoluções nem guerras, mas «progresso e liberdade»; Renan, que não figurava em nenhum partido politico e não estava submetido á influencia de nenhum homem publico, entendia que o mais mediocre dos Reis era mais justo e digno de confiança que o novo ao exercer a soberania servindo-se do seu direito de sufragio, concedido a cada individo, como o pretendem os modernos democratas, e dava a razão da sua opinião, qui em sintese, não era outra, que o seuconhecimento de que o povo não estaria tal representado nos modernos Parlamentos, e sim um grupo de plutocratas que exercem com o seu dinheiro insuperavel ascendente sobre as massas proletaria.

E' claro que os defensores da republicas democraticas no genero do actual Presidente da Republica portuguêsa e do ex-Presidente Bernardino não podem coadunar-se com as ideias politicas vertidas no livro de Renan. Porquê? Porque não são os interesses publicos, nas as suas conveniencias privadas, o que os excita a proclamar as excelencias das organizações republicanas democraticas: aos 15 anos, e não aos 15, teria o Sr. Dr. Sidonio reconhecido a utilidade publica da forma republicana democratica, se já naquela idade pudesse conceber toda a felicidade que lhe seria dado alcançar na vida, no caso de preferir esta á outra forma de governo.

O proprio Renan, por conhecer o espirito e tendencias egoistas dos seus concidadãos, observou no seu livro: ... «foi inaugurada uma edade materialista em que será tão difícil fazer triunfar uma ideia generosa como o seria produzir o som argentino dos sinos de Nossa Senhora de Paris com um badalo de chumbo ou de madeira».

Ora, se de tão longa data pensava e procedia o Sr. Dr. Sidonio Pais com a malicia que se atreveu a confessar, como é que, agora, depois da viagem triunfal a expensas do Estado pelas terras do norte por onde andou, bem comido, bem bebido, bem alojado, e, como se isto fosse pouco, bem festejado e animado, até por algumas generosas *canastras* que guardam pouca memoria dos agravos que receb ram dos preparadores, fundadores e defensores do regimen implantado em *5 de outubro;* como é que, repito, ha de agora rectificar juizos e procedimentos, dando convincentes e eficazes provas de que é sinceramente que trabalha pela saude e honra da Patria, e oferecendo garantias, se garantias pudesse oferecer, de que os que lhe sucedam, não tendo o espirito de rapinagem dos seus antecessores, aportarão tambem materiais para a mesma obra, beneficiosa para o povo, para o país e para as instituições?

Se a leitura de *La Reforme intellectuel et morale* pudesse demover do seu ruim proposito os que pugnam pela conservação da mofina republica a que chamam democratica, voltaria eu ainda a chamar a atenção para o que escreveu o seu auctor animado do desejo de que a vida politica da França, sua Patria, fosse orientada para um ideal de progresso e liberdade; mas, receio bem que não haja forma de os influir a desistirem de continuar a fazer com o povo português, *aquilo, aquilo mesmo*, que a velha—a velha do sonho e da tentação do Sr. Dr. Sidonio Pais—provou, e de que não gostou.

Vigo (Hotel Universal), 22-I-1918.

Conde de Penella

Nunes & Nunes, Suc.
Cambios, papeis de credito «coupons» e cheques sobre o estrangeiro
95--R. do Ouro--97

Pittu & C.ª — Camiseiros — Artigos de novidade
195—RUA AUGUSTA 197 -Telef. 85

Exposição de pintura

Continua aberta no Salão Bobone a exposição de pintura promovida pelos moços mas já distintos pintores Alberto de Lacerda, Albertino Guimarães, Sousa Mala e Adriano Costa.

Exposição composta na sua quasi totalidade por paisagens, estes moços artistas que sabem manejar o pincel e interpretar portuguêsmente a nossa terra, nos seus diversos aspectos, dão-nos agora, com este certamen, uma afirmação mais nita e mais clara do quanto valem os seus talentos e a sua sensibilidade, e de quanto temos ainda a esperar da sua arte que se vibra e canta é em louvor da nossa paisagem.

Alberto de Lacerda afirmou-se este ano como um colorista inconfundivel, com uma linda *Cabeça* e com paisagens pintadas com uma maneira muito sua.

Sousa Mala dá-nos manchas a que poz ternura e sonho, Albertino Guimarães, um pintor de fortes qualidades e Adriano Costa de ha muito consagrado, apresenta m telas magnificas de intenção e colorido.

Esta exposição fecha brevemente.

A Juventude Francesa e a guerra
A' venda nas principaes livrarias
DEPOSITARIO
Maison S. Joseph
Rua Augusta, 233

Apreensão
De
Arroz em casca
Uma representação da Nova Companhia Nacional de Moagem ao sr. Ministro do Trabalho

Em seguida publicamos a representação dirigida pela administração da Nova Companhia Nacional de Moagem ao sr. ministro do Trabalho e de que ontem fez entrega a s. ex.ª:

Ex.mo Sr. Ministro do Trabalho.

Vem a Nova Companhia Nacional de Moagem Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada, protestar contra a apreensão, que diversos fiscaes do Ministerio do Trabalho fizeram de arroz em casca em varias fabricas da requerente.

Serviu de pretexto á apreensão o artigo 14.º do decreto n.º 2.691 de 25 de outubro de 1916, onde se dispunha:

«Artigo 14.º Fica absolutamente proibida ás fabricas da moagem preparar e vender farinhas mistas e conservar, dentro das mesmas fabricas e seus depositos, qualquer outro cereal, carolo de milho, ou produtos derivados destes, sob pena de 50 escudos de multa por cada 100 kilogramas e perda da farinha».

Para realizarem a apreensão, supuzeram os fiscais;

1.º Achar-se em vigor o referido artigo 14.º;

2.º Aplicar-se, ainda quando as fabricas sejam de descasque de arroz, e não só de moagem;

3.º Dever considerar-se «farinha».. o arroz em casca!

Mas...

Não está em vigor o artigo 14.º;

Quando o estivesse, não poderia aplicar-se ao arroz, mormente sendo as fabricas destinadas tambem ao descasque desse cereal;

Não pode o arroz em casca ser considerado farinha.

Não se acha em vigor o artigo 14.º porque a lei ordena hoje o emprego de farinhas mistas na panificação, e porque era subordinada a essa proibição a de conservar nas fabricas e depositos respectivos qualquer outro cereal, carolo de milho ou produtos derivados.

Sómente se impedia a conservação destes cereais e produtos nas fabricas e seus depositos para se poder tornar efectiva a proibição do fabrico e venda de farinhas mistas.

Se outra fora a intenção do autor do decreto, não teria intercalado no antigo texto do artigo 19.º da lei n.º 392, de 4 de setembro de 1915, relativa a farinhas mistas, as palavras «e conservar dentro das mesmas fabricas e seus depositos, qualquer outro cereal, carolo de milho ou produtos derivados. Teria sim, formulado sobre a conservação destes generos um preceito especial.

Proibia o artigo 14.º que se conservasse dentro das fabricas de moagem e seus depositos «qualquer outro cereal». Só poderia referir-se nessas palavras a qualquer cereal além daqueles a que a exploração industrial directamente respeita. Ora, se a Companhia exerce industria de moagem tambem exerce a de descasque de arroz. Nenhuma lei proíbe que a mesma empresa e até as mesmas fabricas se destinem aos descasques de arroz e á moagem. Nem uma proibição desta natureza se poderia estabelecer de pé para a mão, sem indemnizações de perdas e danos, ou prasos largos para mudanças de instalações.

Qualquer restrição ao exercicio das duas industrias por uma mesma empresa ou numa mesma fabrica deveria necessariamente ser «expressa» (Constituição, artigo 5.º n.º 26; Cod. Civil, art. 557 § unico).

Não se achando «expressamente» proibido o exercicio conjunto das duas industrias, é perfeitamente licito, teem-se por legitimados os meios indispensaveis para esse fim (art. 12 do Cod. Civil).

E indispensavel para o exercicio conjunto das duas industrias é conservar dentro das fabricas da Companhia e respectivos depositos os cereais a que ambas essas industrias respeitam.

Adquiriu a Companhia grande quantidade de arroz e demanda a armazenagem deste genero um espaço muito superior ao exigido por outros cereais. Impossivel era, pois, concentrar-se a armazenagem num unico local.

Não tinha, portanto, a Nova Companhia obrigação legal, nem possibilidade material, de armazenar o arroz por forma diferente da que foi feita.

E como podiam deixar de se encontrar arroz e outros cereais em fabricas que são ao mesmo tempo de moagem e descasque?

Aplicava o citado artigo *«a pena de 50 escudos de multa por cada 100 kilogramas e perda da farinha».*

Perdia-se farinha. A multa era fixada em razão dos kilogrames de *farinha.*

Nestes termos, ainda quando o artigo não estivesse revogado, não seria aplicavel senão a farinhas.

Não pode invocar-se *analogia* nem *maioria de razão* quanto a disposições de natureza penal (artigo 18.º do Cod. Pen.)

E a lei que faz excepção ás regras gerais, não pode ser aplicada a nenhuns casos, que não estejam *especificados* nas mesmas leis, (artigo 11.º do Cod. Civil.)

O preceito do artigo 14.º do decreto n.º 2.691, é, pois, de entendimento rigorosamente restritivo.

Só diz respeito a farinha; só farinha se poderia perder; só sobre a farinha poderia recair multa á razão de 50 escudos por 100 kilogramas.

Não se pode ir alem das leis, mórmente se são restritivas de liberdades, e penais.

Nenhum fundamento legal tem, pois, o procedimento havido com a Nova Companhia.

E acha-se em flagrante contradicção com o criterio oficialmente estabelecido na vigencia do decreto n.º 2.691.

Ninguem se lembrou nunca de proibir á Nova Companhia o exercicio cumulativo das industrias de moagem e de descasque de arroz. Ninguem lhe proibiu que exercesse as duas industrias nas mesmas fabricas, de ha muito preparadas para ambas.

Nem ha nenhum perigo ou inconveniente, em que o arroz se encontre armazenado nas nossas fabricas.

Está manifestado e ás Repartições oficiais fazemos as competentes declarações sobre entradas, descasque e venda desse cereal, relativamente a cada uma das mesmas fabricas.

Acham-se, portanto, essas repartições plenamente informadas ácerca do assunto e nenhum desvio se poderia dar que lhes passasse inadvertido.

Conjugam-se contra a Nova Companhia Nacional de Moagem muitos preconceitos e interesses.

Esses preconceitos existem contra todas as grandes Empresas em certo publico, sempre disposto a aplaudir violencias que o contra elas se exerçam embora sem sombra de fundamento legal.

Entre os interesses hostis avultam os de Empresas concorrentes, que procuram todos os azos de desnortear ás autoridades e o publico ácerca dos mais simples actos da Companhia.

V. Ex.ª está, porém, superior a quaisquer influencias e sugestões dessa ordem e ha de certamente fazer-nos justiça e ordenar as providencias que o caso urgentemente reclama.

Que se cumpram as leis, embora com prejuizo dos nossos interesses, é perfeitamente justo.

Que se ofendam os interesses da Companhia, ofendendo-se ao mesmo tempo os preceitos legaes, não é admissivel e não está, nem poderia estar nos propositos de V.ª Ex.ª

Nestes termos, reclamando contra as apreensões feitas, requer a Nova Companhia Nacional de Moagem a V. Ex.ª que as declare sem efeito como é de lei e de elementar justiça.

Pede deferimento.

Lisboa, 2 de março de 1918.

Pela Nova Companhia Nacional de Moagem—Os Administradores, (aa) *Eduardo Ramires dos Reis—José Carreira de Sousa.*

Palmyra Callixto
Tratamento de senhoras e creanças
Massagem medica manual e electrica
Gymnastica medica e sueca. Tratamento a pelle e cabellos. Manucure.
Calçada do Sacramento, 97, 2.º
TELEPHONE 4359

Vitima dum atropelamento

Hoje de manhã, quando um carro electrico seguia pela rua do Livramento, atropelou João Sebastião Duranio, que teve morte instantanea, sendo o seu cadaver transportado para a Morgue.

O infeliz, que era caxeiro duma padaria situada na referida rua n.º 100, contava 45 anos de edade.

O guarda-freio n.º 1094, que guiava o veiculo, de nome Domingos Palma, morador na calçada da Ajuda, 58, A., foi preso.

INUNDAÇÕES GRANIZOS E ENXURRADAS
SEGUROS contra estes riscos, e SEGUROS pecuarios contra acidente e morte natural efetiva a *Comp.ª de Seguros «Atlantica»*, Loios 9, 1.º, Porto da qual são delegados em Lisboa
V. Cunha & C.ª
R. do Comercio, 28, 1.º Tel 4.396

Renascença portuguêsa

Inaugurou-se ontem, no Porto, a primeira livraria da Renascença Portuguêsa, na rua Martires da Liberdade, n.ºs 174 e 178, tendo anexa uma exposição de arte.

Contra a guerra

A «COMPANHIA GARANTIA» effectua seguros de GUERRA bem como contra TUMULTOS e GREVES. Agencia: José Henrique Tota & C.ª, banqueiros R. Aurea, 69 a 75. Telef. n.º 158 9-C.

Festa de homenagem

E' no proximo domingo 10 que no Salão Teatro do Lisboa Club, se realisa a festa artistica e de homenagem aos amadores dramaticos Amadeu Gonçalves e director do Nucleo Artistico Mocidade Boemia.

Nessa noite sobem á scena as peças «O Ultimo Beijo», de Julio Dantas, «Codigo Penal, art.º...», de André Brun e a comedia «O beijo».

Revista dos livros e da imprensa

JORNAES PORTUGUEZES

Portugal e a guerra.—Se El-Rei D. Carlos fosse vivo

O brioso militar Saturio Pires, irmão d'armas de Couceiro nas lides da Galliza, publica um curioso artigo no *Liberal*, do que destacamos os seguintes fragmentos:

Num dos artigos mais bem e criptos que temos lido sobre El-Rei D. Carlos e que a «Marquiza de 1 deste mês publicou, dizia o nosso presadissimo colega e amigo, o sr. dr. Antonio Sardinha: «Eu não sei se o regicidio nos não empurrasse para a fraqueza anarquica em que nos debatemos, qual seria hoje, perante o drama de guerra, o destino reservado a El-Rei D. Carlos».

Tambem, e não poucas vezes, temos feito a nós proprios a mesma interrogação, que Antonio Sardinha deixa suspensa na sua explendida prosa.

. . . . . .

Em primeiro lugar jámais o neto de Victor Manuel teria descido a infamias e a baixezas, ao que se conhecem e ao que ainda se não conhecem, mas que se adivinham naqueles montões de papelada que devem pejar os arquivos do ministerio dos estrangeiros...

Jámais o Rei, que era Rei onde quer que se apresentasse, ou fosse no meio dos seus soldados, nos centros artisticos, nos institutos scientificos ou nas Costas estrangeiras, teria permittido que o governo do seu Pais andasse uma roda viva, de pobre pedinte, de Paris para Londres e do Foreign-Office para o Palais d'Orsay a mendigar um lugarsinho de «boteco», para a tragedia de grande espectaculo, que se está representando no enormissimo palco, que vae das terras baixas da Belgica dos escarpados italianos do Veneto.

Jámais o Senhor D. Carlos consentiria em que se lançasse o seu pais nas azas da grande Aventura a mais terrivel que tem ameaçado a nacionalidade só para que a Sua Dinastia se assegurasse no mar revolto de politica indigena.

. . . . . .

Em caso algum, pois, El-Rei D. Carlos consentiria numa guerra dinastica. Mas, se as circunstancias houvessem indicado que preciso era ir para a guerra, porque assim o exigia a salvação do Estado, teria por acaso permitido o Rei que sob pretexto da guerra se tivessem feito infamissimas campanhas contra adversarios politicos, esmagando todos os mais sagrados direitos do cidadão, tornando esta desgraçada terra numa verdadeira roça, onde só a vontade do «Patrão» fazia lei?

. . . . . .

Com El-Rei D. Carlos, como de resto com El-Rei D. Manuel, talvez o país fosse para a guerra, mas só no caso da nossa cooperação haver sido solicitada ou então, quando as vantagens a alcançar fossem tão grandes que toda a abstenção fosse nociva e criminosa, o que se não dava comnosco, como todos sabem.

Nestas circunstancias jámais os nossos soldados teriam ido, como empurrados á guisa de carneiros, sem a mais ligeira preparação para a guerra moderna, sem trem devidamente enquadrados e comandados, como era mister.

Pois se até a força moral do oficial foi quebrada pelo proprio ministro Norton, quando do 15 de dezembro!...

Os resultados viram-se, vêem-se e ir-se-hão vendo. E' ouvir o que já dizem oficiaes quanto ao que lá veem. E ainda nada se sabe, quanto á vergonhosa maneira como se effectuaram os primeiros embarques em terras de França!

Tudo se saberá, a seu tempo, de resto.

Sinaes dos tempos...—A agonia do partido evolucionista

O *Diario de Noticias*, publica hoje a seguinte nota da junta evolucionista de Santo André:

«A junta paroquial evolucionista de Santo André, na sua reunião de ontem apreciando profundamente a marcha politica do partido evolucionista desde a União Sagrada e muito especialmente a conduta ao mesmo partido imposta pela junta central desde o ultimo acto revolucionario, vê esta junta que a obra de subjugação da demogogia levada á pratica pelo actual governo, e que teve a sua iniciada pelo partido evolucionista, está junta, vendo que toda a acção sustentada, durante sete anos por este partido e agora renegada e sem previa consulta do mesmo partido e, não querendo cooperar em trabalhos contra a sua consciencia, resolve desligar-se colectivamente do partido evolucionista, tomando cada um dos seus membros a linha de conduta que entender.—O presidente, João de Almeida Castro; o secretario, João Henriques Alexandre.

O partido evolucionista, como o democratico, vão-se de compondo aos frangalhos. E' o que sucede a todos os partidos politicos que não teem um ideal superior nem representam uma forte aspiração nacional.

O partido evolucionista era uma seita de idolatras á volta do bezerro d'oiro. Adorava-se o idolo pela atitude exterior, pelo adorno, pela pose e sobretudo pela palavra ardente que da sua boca era acolhida pelos crentes como um maná... Mas quando um dia, estes, se capacitaram que o idolo não fazia milagres, toca a voltar-lhe as costas e não mais sem reflectir ante a sua imagem seductora.

E' o que fez agora a junta de Santo André e o que teem feito outras colectividades evolucionistas...

Notas da Arcada

Diz-se que o governo no caso de se vêr em serias dificuldades com as constantes gréves e com os discolos que se preparam para alterar a ordem publica por meios revolucionarios, que decretará o estado de guerra no proprio continente da republica, mobilisando em seguida toda a população das cidades e suburbios, passando nesse caso ao estado de sitio permanente enquanto durar o estado de guerra.

Parece assente que por enquanto não será criado o ministerio das subsistencias, visto o sr. ministro do Trabalho, não ceder para o novo ministerio os serviços respeitantes á agricultura.

—Foi indeferido o requerimento em que o capitão de mar e guerra sr. Polycarpo de Azevedo, no goso de licença ilimitada, pedia para ser promovido a contra-almirante.

—Parece que o governo está na disposição de terminar com o direito á gréve enquanto durar o estado de guerra apezar das ameaças que vão para a gréve mesmo contra a lei, mas nesse caso o governo tem depois todo o direito de as reprimir com toda a urgencia, não deixando contudo de ser o intermediario entre o capital e o trabalho, para se chegar a um acordo satisfatorio.

A gréve dos caixeiros

Como fôra resolvido no comicio que se efectuou ontem na séde da Associação dos Caixeiros, esta classe declarou-se hoje em gréve, estando por esse facto uma grande parte do comercio paralisado.

Logo de manhã, os caixeiros divididos em comissões, andaram pela cidade a pedir que se fechassem os estabelecimentos, muitos dos quais se teem conservado abertos, protegidos pela policia, que logo de manhã apareceu nas ruas dividida em patrulhas e armada de carabina.

Fóra da Baixa, os estabelecimentos abriram quasi na sua totalidade.

Muitos caixeiros foram presos mas pouco depois eram postos em liberdade.

Deram-se varios incidentes e depois do meio dia, quando dois caixeiros eram conduzidos sob prisão para o posto do Teatro Nacional, foram disparados alguns tiros de espingarda contra aquele posto, ferindo um guarda e os dois caixeiros, um dos quais fugiu aproveitando-se da confusão que então se estabelecera.

Varios elementos considerados como perturbadores da ordem foram presos e enviados para o governo civil.

Teatros e cinemas

Festas artisticas

José Ricardo, o artista querido das nossas plateias, realisa na sexta-feira, no Avenida, a sua festa artistica com a «reprise» sensacional da opereta «A filha da sr.ª Angot», em que interpreta a parte de «Lerivandiere» em que apresentará um admiravel trabalho. O ilustre artista tem na imortal opereta de Lecoq, um papel moldado ao seu genero de trabalho. «A filha da sr.ª Angot», que o insigne artista enscenou, com todo o «savoir faire», que lhe tem grangeado os foros de mestre. Para a recita desta noite estão, como era de esperar, quasi todos os logares.

Realisa-se hoje no Ginasio a festa artistica do inteligente actor José d'Almeida, que escolheu para esta noite a comedia de Feydeau, «O hotel do Livre Cambio», na qual tem um excelente trabalho.

Com a ultima representação da peça o «Pai» e da revista «Bola de Sabão», realisam hoje no teatro Republica a sua festa os novels actores Manoel Rocha e Jorge Grave, que gosam de gerais simpatias.

Noticias

Vae ficar assinalada pelo maior brilhantismo a recita da moda de amanhã no